

A língua espanhola em escolas do Brasil: ensino como disciplina e como atividade*

*Spanish language in schools in Brazil:
teaching as discipline and activity*

José Marcelo Freitas de Luna

é Professor Doutor do Mestrado em
Educação da UNIVALI
mluna@univali.br

Paulo Roberto Sehnem

é Mestre em Educação pela UNIVALI
paulo@webespanhol.com.br

Introdução

O estudo de línguas representa o interesse e o trabalho de muitas pessoas, em todo o mundo, há séculos. Durante todo este tempo, sempre esteve presente a inquietação de professores, pais e alunos quanto a não possibilidade de se conseguir, mesmo após longa exposição ao estudo de uma língua estrangeira, fluência na habilidade desejada.

Essa competência desejada, a comunicativa, que é a capacidade de se expressar oralmente ressalta-se atualmente, principalmente por sua justificada importância como diferencial no mercado de trabalho e objetivo a ser alcançado em um curso de línguas estrangeiras.

Neste país, a oferta de uma língua estrangeira, em escolas regulares (públicas e particulares), é especialmente marcada por críticas associadas ao atingimento dos seus objetivos. Segundo Jovanovic (1992), via de regra, um estudante é submetido a cursos regulares de língua estrangeira durante, pelo menos, sete anos de sua vida escolar, sem que, ao final do processo, seja capaz de comunicar-se de modo razoável na língua estrangeira.

* Trabalho resultante da pesquisa do Programa de Mestrado em Educação da UNIVALI, defendido em agosto de 2006.

Nesse mesmo sentido, Ayala (2004) afirma que:

...em função destes fatores (carga horária insuficiente, número excessivo de alunos em sala, falta de recursos e de materiais didáticos) os professores de língua espanhola demonstram uma impossibilidade de alcançar o objetivo proposto para sua disciplina dentro do método comunicativo, ou seja, o de desenvolver uma competência comunicativa com o equilíbrio das quatro destrezas lingüísticas, apresentando, assim, uma dissonância em relação às recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Nascimento (2004), por sua vez, revela, a partir de uma pesquisa sobre o ensino de Inglês na cidade de Itajaí – SC, que:

A avaliação do grau de atingimento dos alunos em relação aos objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e pela Proposta Curricular de Santa Catarina, ao término do ensino médio, revelou através deste trabalho que a maior parte dos alunos; 97,85%, não atingiu os objetivos propostos para o ensino de língua estrangeira o que se verificou com auxílio do Teste de Nivelamento de Turner, (1997); desta forma pôde-se afirmar que 2,15% dos alunos atingiram os objetivos propostos pelos PCNs e Proposta Curricular de Santa Catarina em leitura e compreensão em língua Inglesa, no segundo semestre de 2003, nas escolas da Rede Pública Estadual de Itajaí.

Essas experiências mal sucedidas de ensino aprendizagem nas escolas regulares de nosso país parecem determinar a expansão de escolas especializadas em ensino de línguas estrangeiras. Essas escolas teriam não só o objetivo, mas os recursos para garantir uma relação de ensino - aprendizagem bem sucedida¹.

De acordo com o estudo, a modalidade Disciplina está ligada às escolas cuja denominação seja regular, tanto pública quanto particular. Assim ensinada, a Língua Estrangeira costumeiramente possui uma configuração muito semelhante na maior parte das escolas.

Suas principais características são:

1. Única opção de língua estrangeira na escola;
2. livro didático como única ferramenta de ensino (normalmente);
3. elevado número de alunos em sala;
4. métodos não assimilados pelos professores;

¹ Tema tratado anteriormente por Luna em pesquisa no ano de 1995, apresentando o ensino de língua estrangeira como Disciplina e como Atividade.

5. professores com insuficiente conhecimento de uma ou mais habilidades lingüísticas;
6. obrigatoriedade do ensino contrariada pela não reprovação;
7. falta de credibilidade no aprendizado por parte do aluno e até do professor.

A outra modalidade, Atividade está ligada ao termo “atividade”, que perfaz os tradicionalmente chamados cursinhos como os de computação, judô, balé, natação, entre outros que compõem a já chamada agenda de crianças, jovens e adultos.

Para Luna (1995), a Língua Estrangeira é trabalhada como Atividade em escolas especializadas neste ensino, cujas principais características seriam:

1. São oferecidas várias opções de língua estrangeira;
2. carga horária quase nunca inferior a 3 horas semanais;
3. grupos com número reduzido e nivelado de alunos;
4. apoiada em livro e em outros materiais didáticos;
5. professores (em sua maioria) qualificados e treinados no método e abordagem;
6. aprovação ou progresso para mérito;
7. crédito na eficiência e sucesso no seu resultado final.

O que discutimos e apresentamos neste artigo é o modelo de tratamento e as implicações do Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira como Disciplina e como Atividade em escolas brasileiras, em especial, em escolas regulares e especializadas da cidade de Joinville, em Santa Catarina, cujo objetivo a comprovação da tese de que o êxito do ensino aprendizagem se deve às características e aos recursos da prática de ensino como Atividade.

Metodologia

Com vistas ao atingimento dos objetivos da pesquisa, foram investigadas 14 escolas da cidade de Joinville, 7 denominadas regulares e 7 especializadas, cujo critério de seleção das mesmas foi o de estarem atuando na cidade por no mínimo três anos.

As doze categorias de análise emergiram da análise crítica baseada em Luna (1995), quais sejam: a duração da aula e a quantidade de aulas semanais, a

carga horária total ao final do EM ou do curso, o material didático utilizado, a graduação do professor, o número de alunos em sala, o espaço físico, a organização da sala de aula, os recursos materiais adicionais, o turno em que se dá a aula, seu caráter (obrigatório ou opcional), se acontece reprovação e o custo de mensalidade.

Esse levantamento permitiu-nos perceber o tratamento do Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira nas escolas conforme Disciplina e Atividade, bem como as condições pelas quais o ensino se projetava. Durante toda a pesquisa a hipótese que nos guiou foi a de que as escolas que se intitulavam regulares tratavam o ensino como Disciplina e as especializadas como Atividade.

Resultados

A carga horária praticada nos dois segmentos difere no que tange a quantidade semanal e o tempo total de cada aula.

Tabela 1 - Carga horária por dia e por semana.

	1	2	3	4	5	6	7	Mín.	Máx.
Escola Regular (ER)	2 x 50 ²	2 x 48	2 x 50	2 x 50	2 x 50	2 x 50	1 x 50	1 x 50	2 x 50
Escola Especializada (EE)	2 x 60	2 x 60	2 x 75	2 x 60	2 x 75	2 x 60	2 x 60	2 x 60	2 x 75

Fonte: Dados da pesquisa de Dissertação de Mestrado O Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira: Disciplina X Atividade.

O tempo de contato com o idioma semanalmente foi um dos fatores que diferenciaram os dois segmentos educacionais. Enquanto nas escolas regulares o tempo máximo de uma aula não ultrapassou os 50 minutos, pela divisão do tempo e quantidade de disciplinas, nas escolas especializadas, o tempo míni-

² O tempo está expresso em minutos. Ex. 2 x 50 = duas aulas de 50 minutos.

mo foi de 60 minutos. Mesmo que, na maioria dos casos dos dois segmentos, o número de aulas fosse igual, duas aulas por semana, a quantidade de horas estudadas ao final dos três anos do EM é bem inferior ao número de horas estudadas ao final do curso em uma escola especializada, que, em média, também teria a duração de três anos.

Outro fator que difere quanto ao tratamento do ensino como Disciplina e como Atividade, não em primeira vista, é a carga horária total do curso.

Tabela 2 - Carga horária total do curso

	1	2	3	4	5	6	7	Méd.	Mín.	Máx.
Escola Regular (ER)	3 anos 200 ³	3 anos 192	3 anos 200	3 anos 200	1 ano 66	3 anos 200	3 anos 84	164	66	200
Escola Especializada (EE)	200	240	300	280	300	280	240	263	200	300

Fonte: Dados da pesquisa do autor.

Outra semelhança a ser observada é a da carga horária dos dois segmentos. Com uma média de três anos nos dois segmentos, temos uma variação bastante grande de carga horária em alguns casos específicos. Em uma minoria das escolas, o idioma só é oferecido no último ano do EM, cujo objetivo é a preparação para o vestibular. Já em outros casos, a quantidade de horas semanais é reduzida a uma, influenciando a média de horas totais. Em contrapartida, nas escolas que oferecem a mesma quantidade de horas semanais e a mesma quantidade de anos, esta diferença cai acentuadamente.

Porém, não podemos esquecer que, na maioria das escolas regulares, o início do ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) se dá no início do Ensino Fundamental (EF); somando-se a esses números, teremos sete anos de contato com o idioma, contrapondo os três anos da média das escolas especializadas (EE).

³ A carga horária está expressa em horas de 60 minutos, e não em horas/aula.

Quadro 1 - Material didático utilizado pelas escolas

	1	2	3	4	5	6	7
Escola Regular (ER)	Apostila Pitágoras	Pelo Professor	Ahora	Mucho	Pelo Professor	Apostila Positivo	Sin Fronteras
Escola Especializada (EE)	Wizard	Primer Plano	Skill	Planeta	Sin Fronteras	CCAA	Vem

Fonte: Dados da pesquisa do autor.

Quando do tratamento do ensino como Disciplina, pode-se perceber uma variação entre apostilas montadas pelo professor e outras apostilas de redes de escolas de âmbito nacional, além da utilização de livros indicados para o EF, ou seja, para quatro anos, dessa forma, com quatro livros. Um ponto a ser retomado é a falta de adequação entre o material e a carga horária disponível para sua execução, o que implica o surgimento da sensação de não atingimento do objetivo do curso.

Nas escolas onde o tratamento do ensino é como Atividade, grande parte segue o livro cujo nome é o da própria escola, sendo que, em todos esses casos, trata-se de franquias. A menor parte segue outro livro didático, preparado para este fim.

Quanto à formação dos professores, pode-se observar certa preocupação positiva. Nos dois segmentos, mostrou-se que o professor contratado é graduando, graduado ou pós-graduado, não tendo sido encontrado nenhum professor sem formação acadêmica.

Dessa forma, pela formação, não foi possível diferenciar os dois segmentos, pois, na sua maioria, a graduação é a mesma. O que pode diferenciá-los é a preparação para trabalhar com o método ou material didático utilizados na escola e com as outras variantes do processo, como número de aluno e seus interesses.

Outro fator que faz a diferença na aplicação da noção de ensino como Disciplina e Atividade é a quantidade de alunos em sala encontrados nos segmentos.

Tabela 3 - Número de alunos em sala de aula

	1	2	3	4	5	6	7	Méd.	Mín.	Máx.
Escola Regular (ER)	30	35 a 40	20 a 25	30	50	40	40 a 45	36	20	50
Escola Especializada (EE)	10	10	10	07	10	10	10	6	03	10

Fonte: Dados da pesquisa do autor.

Nas ER, foi encontrada uma média de 36 alunos em sala, enquanto nas EE, tem-se uma média de 6 alunos. Algumas ER apresentaram a iniciativa de divisão de turma. Na maioria desses casos, como suas turmas são grandes, o número não passa de 20.

Nos casos em que há elevado número de alunos, mesmo que se façam atividades para desenvolvimento da habilidade oral, esta, conseqüentemente, é mais reduzida, pois oportunizar situação comunicativa demanda tempo.

Segundo Larsen-Freeman (1986), para que o curso seja considerado comunicativo, as estratégias de ensino geralmente são efetuadas por pequenos grupos, pois aumenta o tempo disponível para cada um aprender e negociar sentidos.

Se juntarmos o número de alunos com o tempo de aula, que, nas ER, como constatado, é sempre menor, perceberemos, quantitativamente, um menor contato com o idioma onde o ensino é ensino como Disciplina. Ao se iniciar um curso de LE, o desenvolvimento de atividades comunicativas deve também iniciar⁴.

⁴ Para Rivers, a introdução da atividade oral logo no começo do estudo é também importante para fatores de motivação. Ao iniciarem o estudo da língua estrangeira no primeiro grau, os alunos trazem a forte convicção de que "língua" significa "algo falado". E o que acontece é que ficam desanimados e perdem o interesse ao descobrirem que o estudo da língua é exatamente igual a qualquer outra matéria escolar, isto é, livros, exercícios e tudo mais, e que falar a língua parece ser um objetivo algo remoto, somente atingível depois de anos de trabalho insípido e desinteressante. (1975, p.158)

Na maioria das ER, o espaço de sala de aula é compartilhado pelos outros professores das outras disciplinas, implicando a não possibilidade da caracterização e exploração do espaço.

Nas EE, as salas são normalmente de pequeno porte e são especificamente utilizadas para o ensino de Língua Estrangeira, o que permite ao professor explorá-las visualmente, decorando, sugerindo, expondo trabalhos, mapas, quadros, figuras, etc.

A organização da sala e a sua disposição são normalmente em filas e sem decoração específica, contrastando com as EE, que na totalidade, trabalham em círculo.

Os recursos materiais adicionais variam bastante. As ER disponibilizam quadro negro, giz, TV e aparelho de som, enquanto as EE disponibilizam quadro branco, canetão (marcador), áudio, vídeo e multimídia.

O horário de funcionamento das aulas de Espanhol nas ER variou do turno das demais aulas para o contra-turno. Em todos os casos das EE, por sua vez, o turno das aulas é opcional.

Quanto ao caráter de oferecimento, as ER variam entre obrigatório e opcional; em algumas, o estudo do idioma é obrigatório e em outras se oferece de forma opcional. Nos casos das EE, além de ser opcional, o aluno pode escolher uma entre várias opções de idiomas.

Sobre a avaliação, os resultados mostram que o fator reprovação / repetição não foi considerado apenas em uma das escolas. As outras afirmaram reprovar o aluno caso a média não fosse atingida. Todas as EE demonstraram permitir o avanço dos módulos ou progresso somente por mérito.

O estudo também considerou a variável financeira, por ser um fator de exclusão para populações carentes. Nas ER, o ELE é oferecido sem custo adicional, enquanto o valor nas EE varia entre R\$ 81,00 a 130,00 mensais.

A pesquisa revela que cada segmento segue uma estrutura muito semelhante ao trabalhar o ELE. Significa que as ER e EE têm características distintas quanto ao tratamento do ensino. Ou seja, as ER tratam o ensino como Disciplina e as EE como Atividade.

Quadro 2 - Quadro comparativo das características das ER e EE

ER	EE
- Menor carga horária semanal – Mínimo 1 x 48’ Máximo 2 x 50’	- Maior carga horária semanal – Mínimo 2 x 60’ Máximo 2 x 75’
- Menor carga horária total/final – Mínimo - 66 horas; Máximo – 200 horas.	- Maior carga horária total/final – Mínimo – 200 horas; Máximo – 300 horas.
-Apostilado ou outros livros;	- Livro próprio ou especializado em ELE;
- Quatro com pós-graduação, três graduados;	- Todos graduados;
- Elevado número de alunos (média 36) Mínimo - 25; Máximo – 55.	- Baixo número de alunos (média 06) – Mínimo - 03; Máximo – 10.
- Sala compartilhada com outros professores - (a mesma das outras disciplinas / grandes);	- Sala específica para idiomas / pequenas;
- Maioria organizadas em filas;	- Sala organizada em semicírculo;
- Poucos recursos para materiais adicionais;	- Variados recursos materiais adicionais;
- Turno e contra-turno;	- Turno opcional;
- Na maioria, caráter obrigatório;	- Caráter opcional;
- Caráter reprovatório - maioria dos casos;	- Progresso por mérito;
- Sem custo adicional.	- Custo mensalidade (por módulo ou nível).

Fonte: Dados da pesquisa do autor.

O que pudemos perceber foram tentativas de aproximação ao que fazem as EE. A título de exemplo, observamos escolas que destinam uma sala somente para o ensino de espanhol, sem, no entanto, procederem à testagem de nivelamento ou opcionalidade de turno, mantendo-se, ainda, um número elevado de alunos (35 a 40).

Foram encontrados, também, alguns casos de escolas que preparam os alunos para o certificado do Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira (DELE).

Porém, não tivemos informações suficientes para uma análise mais aprofundada para dizer da eficiência deste modelo.

Uma hipótese a guiar estudos futuros é a de almejar uma escola híbrida, ou seja, uma escola regular que mantém práticas / características de escola especializada.

Com o apresentado, podemos observar também, que as sete EE pesquisadas possuem uma semelhança muito grande no que se trata das categorias investigadas distanciando-se quantitativa e, possivelmente, qualitativamente das ER.

Com base na pesquisa, podemos afirmar que existem características que marcam a dessemelhança entre as escolas regulares e especializadas. Por tratar-se do conjunto de características diretamente ligadas ao aprendizado do idioma, constatou-se que as escolas regulares possuem características distintas quanto ao trato com o idioma, sendo possível comprovar a relação estabelecida entre escola regular e Disciplina e, em contrapartida, entre as escolas especializadas e Atividade, comprovando a hipótese do tratamento do ensino nas referidas escolas.

Quanto às condições em que se dá o ensino do idioma espanhol, número de alunos em sala, carga horária semanal e total, bem como a obrigatoriedade e confiança depositada pelos envolvidos no ensino, fazem perceber as condições desproporcionais em que se trabalha o ELE nas escolas regulares, impossibilitando, na maioria das vezes, o desenvolvimento da destreza oral.

Conclusão

Conforme exposição e pesquisa sobre o tratamento do ensino como Disciplina e como Atividade é possível tecer algumas considerações.

O tratamento do ensino como Disciplina implica o desenvolvimento de uma atitude negativa por parte da comunidade escolar, gerando um resultado insatisfatório nas ER. Em qualquer curso, paira a expectativa de atingimento de resultados. Particularmente, esta expectativa está muito ligada à fala, provavelmente por ser a primeira habilidade esperada por qualquer estudante de línguas e também, para muitos, ser a primeira ligação feita ao pensar em um idioma. Essa expectativa, como demonstrado em forma de resultados por algu-

mas pesquisas, não é atingida na maior parte das ER, o que, possivelmente, faz com que existam tantas EE, sendo este um negócio crescente.

O número de alunos em sala de aula, a carga horária semanal e total, a disposição e disponibilização das salas e horários são as características mais marcantes de diferenciação entre as ER e as EE, encontrando-se, nestas últimas, uma considerável vantagem quantitativa e qualitativa.

Essas características verificadas na pesquisa e aqui apresentadas comprovam a tese da distinção entre a aplicação da noção do ensino de ELE como Disciplina e Atividade, atribuído, respectivamente, às escolas regulares e especializadas. Esse conjunto de características faz com que esses segmentos sejam vistos com distinção de credibilidade por parte de pais, alunos e muitos professores, que vêem dificuldade de desenvolver um curso comunicativo nas ER, depositando, assim, essa capacidade às EE, que passaram há muito tempo a assumir o papel formador no ensino de idiomas.

Dessa forma, procurar uma escola especializada, mesmo que se estude na escola regular, passa a ser uma necessidade iminente, pois as condições apresentadas nas escolas regulares não condizem com a necessidade do aluno; a reduzida atenção do professor e a impossibilidade de praticar o idioma em função da quantidade de alunos fazem com que a credibilidade no aprendizado seja diminuída.

Outra consideração de grande importância em relação ao tratamento do ensino de ELE nas ER é que os documentos que as regem mencionam a abordagem comunicativa e seus princípios como a base de seu trabalho. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999) sugerem que a competência comunicativa só pode ser alcançada com o domínio das competências gramatical, sociolingüística, discursiva e estratégica. Sendo assim, as estratégias de ensino, o número de alunos em sala, a concentração de carga horária, a avaliação e ainda outras características deveriam estar em consonância com os moldes da abordagem comunicativa, expondo uma exagerada dissonância entre a proposta e a prática de trabalho desse segmento educacional, fato que provavelmente deve impedir um trabalho com resultados mais expressivos, trabalho que dê maior credibilidade a esse segmento.

Esses resultados sugerem que a distribuição das variantes envolvidas no processo de ensino aprendizagem encontra-se desproporcional às necessidades

para a formação de um curso comunicativo que desenvolva a fluência oral esperada.

Se levarmos em consideração que muitos dos alunos começam a cursar idiomas já a partir da 5ª série, ou até mesmo a partir da 1ª série, teríamos uma carga horária podendo chegar até a 800 ou 900 horas de curso, o que ultrapassaria em três vezes a carga horária de uma EE, que, no máximo, pratica cursos com 300 horas.

Esses resultados sugerem que o tempo, em anos de estudo, não influenciaria no resultado final, quantitativa e qualitativamente na fluência oral desses alunos (nas ER), apontando uma perda de tempo útil para aprendizagens significativas, tanto na área dos idiomas, como em outras áreas de conhecimento. Ficariam expressos, dessa forma, os motivos pelos quais muitos alunos procuraram escolas especializadas para aprenderem outros idiomas.

Em suma, as ER, que trabalham o ELE como Disciplina, em função das características apresentadas e suas avaliações, não atingem os objetivos de fluência oral, competência esta esperada em um curso comunicativo. Acredita-se, dessa forma, que os aspectos levantados são seriamente responsáveis pelo sucesso do processo de ensino/aprendizagem, não sendo satisfatórios nesse segmento educacional.

De todas as formas, esta pesquisa corrobora com a afirmação de Luna (1995) sobre o tratamento do ensino a ser aplicado nas ER, qual fora, a necessidade de se manter a Disciplina trabalhada como Atividade.

A comprovação da tese de que o êxito do ensino aprendizagem se deve às características e aos recursos da prática de ensino como Atividade aponta para a necessidade de um remodelamento ou re-ordenamento dos componentes dos cursos de línguas nas ER, para que sejam considerados comunicativos, ou que pelo menos seu foco seja a competência comunicativa e, assim, atendam às necessidades da sociedade atual.

Resumo: O ensino aprendizagem de línguas estrangeiras representa o interesse de muitas pessoas em todo o mundo. Escolas de educação básica do Brasil têm demonstrado não garantir uma relação de ensino - aprendizagem de espanhol bem sucedida. Neste artigo, apresentamos os resultados de pesquisa realizada no ano de 2006 na cidade de Joinville, em

Santa Catarina, no Brasil. Nosso objetivo com a investigação foi comprovar a tese de que o êxito da aprendizagem se deve às características e aos recursos da prática de ensino como Atividade em oposição à abordagem dessa língua como Disciplina.

Palavras-chave: Espanhol como língua estrangeira, língua estrangeira, abordagem comunicativa.

Abstract: Foreign language teaching / learning represents the interest of many people around the world. As far as the teaching of Spanish is concerned in Brazilian primary schools, the goals of successful learning do not seem to be achieved. This article presents the results of a research carried out throughout 2006, in Joinville city, Santa Catarina – Brazil. The hypothesis which guided the work was that the students learning depends upon the characteristics and the resources of language teaching as an Activity in opposition to language teaching as a Discipline.

Keywords: Spanish as a foreign language, foreign language, communicative approach.

Referências

AYALA, Berenice Férrez de. *Um estudo sobre a prática pedagógica do professor de língua espanhola*. Dissertação de Mestrado. Itajaí: UNIVALI, 2004.

BOHN, Hilário Inácio. Avaliação de materiais. In: _____. *Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

JOVANIVIC, Aleksandar. *Língua materna vs. Língua estrangeira: uma relação fundamental (porém menosprezada) no ensino/aprendizagem de línguas*. Rv. Fac. Educação, 18(2) 174-184 JOL/DEZ, 1992.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *Techniques and Principles in Language teaching*. Oxford University Press, Oxford, 1986.

LUNA, José Marcelo Freitas de. *O Ensino de Inglês como Disciplina e como Atividade: algumas considerações*. Alcance, v. 2 n.1, p.51-58, 1995.

NASCIMENTO, Jeane Lohse Gama do. *O nível de aprendizagem de língua inglesa ao final do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado. Itajaí: UNIVALI, 2004.

RIVERS, Wilga Marie. *A metodologia do ensino de línguas estrangeiras*. Trad. Hermínia S. Marchi. São Paulo: Pioneira, 1975.

Recebido em Abril de 2009

Aprovado em Junho de 2009